



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DIVA SANTIAGO CORRÊA

(depoimento)

2002

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-06

Entrevistado: Diva Santiago Corrêa

Nascimento: 21/03/1938

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte

Entrevistadores: Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim

Data da entrevista: 17/10/2002

Transcrição: Karine Dalsin

Conferência Fidelidade: Berenice Machado Rolim

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Fitas: (01 fita) 06/01-A e 06/01-B

Total de gravação: 46 minutos

Páginas Digitadas: 19

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 0445/2003/01

Número de registro da fita: 0445/2003/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CORRÊA, Diva Santiago. *Diva Santiago (depoimento, 2002)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2003.

Sumário

A relação da história de vida com o esporte; a influência para a prática; modalidades disputadas; considerações sobre a estruturação do esporte master em Porto Alegre; o relacionamento com a irmã, Diná Pettenuzzo Santiago; a sua passagem pela Escola Superior de Educação Física; breve relato a respeito dos métodos de treinamento adotados na época; a Universidade de 1963: a convocação, o treinamento e o alojamento; comentários a cerca da organização do evento e participação da imprensa; seu recente envolvimento com o tênis; competições disputadas no voleibol master.

Porto Alegre, 17 de outubro de 2002. Entrevista com Diva Santiago Corrêa, a cargo das pesquisadoras Karine Dalsin e Berenice Machado Rolim para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Diva, nós sabemos que tua história de vida é diretamente relacionada ao esporte. Eu gostaria que tu nos falasses como e quando começou a ser construída esta relação.

D.C. - Já faz muito tempo. Precisamente, eu acho que foi em 1948, quando eu e a minha irmã¹ começamos a freqüentar o Grêmio Náutico União², de Porto Alegre³. Aí eu comecei com natação, aprendendo a nadar e, já em 49, comecei a nadar em competições. E depois foi uma seqüência de mudanças também - não mudanças - mas de outros esportes junto e culminando até agora.

K.D. - Qual foi a influência, quem te influenciou a entrar no esporte?

D.C. - Foi meu irmão⁴, que achou que a gente devia praticar algum esporte. Ele era um pouco mais velho que a gente e fez com que o pai entrasse de sócio no União, para que a gente tivesse uma sociedade esportiva, social para freqüentar.

K.D. - A tua família apoiava que tu praticasses esporte.

D.C. - Sim.

K.D. - Sempre te deu apoio...

D.C. - O pai, a mãe, irmão, tudo.

K.D. - E como é que seguiu a tua carreira, tu começaste na natação. E quais outros esportes tu te dedicaste?

¹ Diná Pettenuzzo Santiago

² Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

³ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

⁴ Dilson Santiago

D.C. - A natação em 49 e, em 50, com doze anos, comecei no voleibol, lá no União também. A gente jogava campeonato só que, na equipe, eu era bem pequena e tinha muitas equipes - algumas bem mais fortes outras parelhas com a gente. Então eu comecei no voleibol... O meu irmão jogava basquete e eu sempre assistia e, quando chegou 1955 - acho que foi 56 - eu queria jogar, mas ele não gostava que a gente jogasse basquete. “Não, basquete não”; mas ele acabou aceitando e eu comecei a jogar basquete também em 55. Eu fui fazendo as três coisas até 1960, quando eu abandonei a natação e continuei com as outras: o basquete foi mais alguns anos - uns quatro – e, depois, eu permaneci sempre no voleibol.

K.D. - E como foi essa tua carreira em questão de convocações e títulos?

D.C. - É, se eu te disser que eu talvez não lembre muitas coisas... Agora a gente... Natação eu cheguei a disputar diversos brasileiros; mas como na natação, aqui no sul, naquela época, era muito precário o trabalho de treinamento porque a gente só trabalha no verão e lá em cima, como no Rio de Janeiro⁵, eles trabalhavam o ano inteiro, a gente levava uma desvantagem. Mas assim mesmo eu consegui nadar direitinho. No Rio Grande do Sul eu era recordista. No voleibol, em 1954 - tem um registro aqui - eu fui na minha primeira seleção gaúcha; e no basquete, em 1957, eu joguei o primeiro brasileiro que foi até no Rio Grande do Sul. O de vôlei tinha sido em São Paulo⁶, em 54, e, em 57, joguei no Rio Grande do Sul o primeiro de basquete. Em 1960, eu fui convocada para a seleção de vôlei e para a seleção de basquete brasileira, mas eu não fui participar porque a minha mãe achava que não. “Não dá”... Isso não é possível... O ambiente: não sei...”. Sabe como é que é! Eu não participei de nenhuma, mas quando foi em 62, eu novamente fui convocada e não fui na de basquete; mas quando chegou a de voleibol eu disse: agora eu vou! Então eu fui na de voleibol, treinei lá com o grupo todo, éramos quinze, parece. E fomos ao Chile jogar o Sul Americano pelo Brasil e nós ganhamos. Inclusive foi o último título que o Brasil teve na época - depois o Brasil passou dezenove anos sem ganhar e veio ganhar, em 80, quando ganhou o outro título Sul Americano... É que, aí, o Peru tinha um treinador coreano ou asiático e cresceu muito e conseguiu passar da gente - a gente não ganhava do Peru - mas aí eu já não estava mais, é lógico. Em 62, eu fui campeã sul americana pelo

⁵ Estado Brasileiro

⁶ Estado Brasileiro

Brasil e, em 63, eu participei da Universíade⁷, que foi realizada aqui em Porto Alegre: um dos grandes eventos realizados no Brasil, são poucos que têm, assim, deste âmbito. E nós acabamos ganhando o campeonato, só que foi um campeonato mais restrito à América do Sul, pois o pessoal da Europa e de lá, não veio. Nós ganhamos: foi Chile, Peru e eu não lembro o outro, qual era; eram quatro equipes e nós ganhamos a Universíade aqui. Depois eu continuei mais um pouco no voleibol; na década de 60 a gente jogou os brasileiros de voleibol universitário e ganhamos quase todos - a equipe era muito boa. Depois disso eu passei a ser treinadora, não sei se isso te interessa? Eu fui diversas vezes treinadora das equipes escolares do Rio Grande do Sul que disputavam os jogos escolares brasileiros, que começaram em 72. E depois de um tempo eu resolvi criar - não sei se tu sabes que eu não sou bem certa mesmo... Como eu não já não poderia jogar em equipes de primeira classe, eu tinha que encontrar alguma coisa que fosse dentro das minhas possibilidades. Então eu comecei a fazer campeonatos de trinta anos, que foi em 1983, quando nós começamos o primeiro de trinta anos - agora já tem com alguma interrupção - uma ou duas - tem quase vinte campeonatos. Inclusive já fui até homenageada por ter criado aquilo. Depois o Paraná⁸ criou o de quarenta anos e a gente começou a jogar aquele. Eu criei o de cinquenta, aqui, e nós estamos jogando até hoje. Agora já tem o de cinquenta e cinco - nós viajaremos agora, dia dois, para disputar em São Paulo -; o de sessenta que a gente já joga e o de sessenta e cinco também que, no próximo ano, eu posso jogar. Então está ótimo: quanto mais melhor, não é ! E nós com esses veteranos, não sei se está te interessando isso?

K.D. - Sim. Pode continuar .

D.C. - Com os veteranos - é que a minha cabeça está sempre inventando alguma coisa - eu disse assim: gurias aqui a gente já jogou, então, vamos ver se a gente faz outra coisa. Então nós fomos para Utah, San George, nos Estados Unidos, para jogar em um torneio de voleibol de mais de 60 anos. Nós jogamos, eram poucas equipes. Naquele ano tinha um outro torneio em Miami logo em seguida; então, poucas equipes foram lá e nós jogamos misturando cinquenta, cinquenta e cinco e sessenta. Nós tiramos o segundo lugar no total e

⁷ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universíade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

⁸ Estado Brasileiro

o primeiro nos sessenta anos. No outro ano: “Não, agora nós vamos mais longe, vamos dar mais um passo”. Aí nós fomos para Finlândia, jogar em Tampere e lá eram quatro equipes de sessenta anos - maravilhoso -; um campeonato maravilhoso porque... Uma pista “indoor” de atletismo onde eles colocaram carpete e fizeram vinte e sete quadras lá dentro, de três em três. Vinte e sete quadras e todas elas com pessoas de todas as faixas - porque o “master”, ele começa aos trinta anos e, de cinco em cinco anos, ele vai indo até a pessoa morrer. Então, tinha até os senhores de setenta e cinco anos e ainda tinha o feminino que ia só até 60. Era só voleibol. Foi *muito* lindo e nós conseguimos ganhar. Inclusive na final nós ganhamos das russas. E depois, no ano passado, fomos aos Estados Unidos - maravilhoso - em um centro de convenções em Milwaukee, lá em cima, perto do Canadá, em Wisconsin. Eram trinta e quatro quadras dentro de um centro de convenções. Você só imagina o que era, porque as trinta e quatro quadras com espaço de três metros para trás e três metros para os lados, tudo espaçoso com rede no meio. Uma coisa *fora* do comum! *Muito* bem organizado e nós tiramos o segundo lugar. Esse ano a gente tinha programado ir para a Austrália - está terminando; eles estão chegando hoje da Austrália - mas com o aumento do dólar e coisa assim, umas começaram a desistir e eu também desisti; então, não fomos. Só foi uma equipe masculina, que jogou os quarenta e foi segundo lugar e essa equipe feminina que o meu guri disse que tirou segundo lugar e deve ser de quarenta e cinco anos; mais de cinquenta não tinha. Só tinha até cinquenta, as velhinha já tinham desistido.

K.D. - Quem organizava estas equipes aqui no Rio Grande do Sul?

D.C. – Bom, nós jogamos na SOGIPA⁹, que lá a gente tem espaço; a gente consegue as quadras, então tem determinados horários nas quadras e a gente vai e disputa, mas pagando tudo. Nós é que pagamos tudo e, se houver necessidade - como a gente fez quando fomos para à Finlândia - levamos duas meninas que não eram nossas: uma era de Brasília¹⁰ e a outra do Rio de Janeiro. Elas viajaram com a gente - sempre viajam - mas, esse ano, não poderiam ir. Uma até iria, a outra não; mas a gente sempre reforça a equipe, é isso que eu quero dizer. Mas geralmente é a equipe da SOGIPA, quando a gente vai no brasileiro. É só nós.

⁹ Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

K.D. - E estas pessoas que fazem parte da equipe da SOGIPA são ex-atletas ou começaram no esporte...

D.C. - A maioria são ex-atletas porque há uma grande diferença entre um ex-atleta e alguém que começou. Assim mesmo tem algumas que começaram depois e elas jogam de igual para igual; mas não é fácil, a gente sempre nota a diferença. Eu, por exemplo, no tênis: eu não sou totalmente ruim, até ganho diversos jogos; eu já disputei pela seleção, pela equipe brasileira de sessenta anos. Eu fui à Espanha, fui a Lima, no Peru, mas é diferente tu ver uma pessoa que começou com a raquete aos cinco anos e uma que começou com cinquenta, como é o meu caso. É diferente! Mas tem gente que começa depois e consegue crescer - não estou falando de mim. [risos] Eu até jogo direitinho, mas não sou assombro no tênis. O voleibol - que eu nasci com ele - é uma coisa que já está ali e vai indo. É mais fácil!

K.D. - A Diná nos disse na entrevista que tu tens um espírito bastante competitivo.

D.C. - Sim, bastante, bastante mesmo [risos]. Eu estou sempre lutando, eu estou sempre em guerra. A Diná já é mais calma, mais moderada e eu não: eu sempre estou ali para...

K.D. - Voltando à 61, a Folha Esportiva¹¹ publicou a manchete: “Diva não vai: a mãe não deixa”...

D.C. - Eu acho que é isso aí!

K.D. - É. Se referia a uma convocação para o campeonato Sul Americano de vôlei.

D.C. - Em 61 que deu isso, é? Pensava que era 60. É, aquilo que eu te falei: eu não fui em duas seleções porque a minha mãe não deixava - eu não sei se devo contar. Ela achava que o ambiente não era bom, e de fato: não era. Ela não deixou. Depois na outra eu disse: não, agora eu vou, em uma delas eu vou! - que é aquilo que eu falei, mas isso aí é verdade.

¹⁰ Cidade Brasileira

¹¹ Jornal de Porto Alegre

K.D. - Inclusive tu deste declaração para o jornal na época chegou a pensar em desistir do esporte.

D.C. - De jogar? Por não poder ir, até devo ter dito mesmo isso. Eu não lembro mais porque aquilo passou, depois eu fui uma vez. Eu devo ter dito.

K.D. - Mas esse problema se referia a quê? A tua família ou a situação de ser mulher e de ser atleta numa determinada época?

D.C. - Não, a minha mãe não aceitava que eu fosse porque o ambiente não era bom. Por ser mulher, ela não queria. Talvez se fosse o meu irmão ou coisa, não teria problema, mas como era mulher: não vai! Eu acho que pelos dois lados: por ser mulher e a família, então, mandar contra.

K.D. - Poderias nos falar um pouquinho mais sobre como foi ser atleta e ser mulher ao mesmo tempo em uma época na qual o esporte era muito relacionado à imagem da masculinidade?

D.C. - É, eu devo ter sido de uma época onde se começou a desbravar... Assim, que as mulheres começaram a crescer no esporte e tal. Não era fácil! E graças à Deus, eu consegui vencer isto; depois, conheci o meu esposo atual e ele aceita e o meu filho tem que aceitar não é. [risos] Acho que meio à contra gosto, mas aceita também. Para mim isso aí não influenciou tanto porque eu sempre consegui fazer minha seqüência de trabalho ou de esporte, mesmo tendo aqueles contratempos, às vezes, por ser mulher e tal. Mas a gente conseguiu conciliar.

K.D. - Como era a tua...

D.C. - Não sei se estou respondendo?

K.D. - Sim! Como era a tua relação com a Diná: vocês eram chamadas “as irmãs Santiago”. E, coincidentemente, vocês praticavam os mesmos esportes; não sei se foi coincidência ou se foi influência da família.

D.C. - Não sei, acho que foi influência da gente estar, ali, no clube e as duas fazerem a mesma coisa, porque era o que tinha no clube para fazer. Então a gente foi fazendo, as duas junto. Quando nós éramos menores, a gente brigava muito: uma entrava pela porta do bonde pela frente e a outra por trás. Mas, depois, crescemos um pouco aí se acomoda, não é! Aí tudo bem, a Diná é ótima! Agora até nem tenho tanto contato com ela, mas ela é ótima! E a gente fez os mesmos esportes mesmo, só que a Diná não era tão assim... E a Diná tinha um problema de saúde que prejudicava um pouco e eu não tinha. Então eu sempre ia mais, mais... Mas era muito bom. A Diná também foi da Seleção Universitária, essa da Universidade. Ela jogava bem voleibol, nadava bem também; basquete também jogava; dentro do quadro de físico que ela tinha, ela era muito boa; ela tinha problema de asma e aquilo ali prejudicava ela um pouco. Mas ela foi muito boa também! Estou respondendo?

K.D. - E como é que a ESEF¹² entrou na tua vida e tu entrou na ESEF?

D.C. - Como eu era do esporte, primeiro a minha mãe disse assim: “você vão fazer um curso para que vocês tenham como trabalhar. Se faltar alguma coisa, se nós faltarmos...” Então nos colocou no curso de professoras normalistas; nós duas fizemos o curso no Instituto de Educação. Aí quando terminou aquilo, eu disse: bom, agora só tenho uma coisa, eu vou direto para a ESEF! Aí eu vim para a ESEF. Só que, naquele ano - como eu era uma pessoa que estudava *muito*: eu repetia sempre um ano duas vezes, sempre fazia a terceira série, a quarta série em vezes - não podia fazer... [risos] Aí, quando eu cheguei para fazer a ESEF eu tinha que fazer o científico, o normal. Então, naquela época, eu já não podia; então eu fiz o normal e aí vim para cá. Quando eu entrei na ESEF, o meu professor de basquete, meu treinador de basquete - que era o professor daqui, acho que fundador até, o professor Valdir Echart¹³ - me viu aqui dentro ele disse: “vai ser professora aqui. Capricha que tu vais ser professora aqui”. Eu fiz o curso e eu tinha possibilidade até com a natação, ou ser do basquete e do voleibol. Mas no voleibol, uma menina que se formou um ano antes, entrou: era a Tânia Sirângelo¹⁴, que já faleceu. E aí eu tinha as duas opções: a natação ou o basquete e eu optei pelo basquete. Primeiro, por ser o professor esse que tinha me orientado, que tinha dito: “não tu vai...” E eu não sei, acho que

¹² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹³ Waldir Calvet Echart

a água cansa. Tu passar vinte e cinco anos em uma piscina eu acho que aquilo ali só pode prejudicar mais ainda a gente. Então eu optei pelo basquete e fiquei esse meu tempo: cinco anos eu fiquei no Estado e, como a Escola de Educação Física era estadual, eles me transferiram para cá. E aí parece que em 69 ou 70 a Escola se federalizou e o corpo docente continuou, então, eu fui terminar em 87. Eu me aposentei com vinte e cinco anos no basquete. Aí eu já tinha sido coordenadora da prática esportiva, esse trabalho que os universitários faziam; eu já tinha sido chefe da comissão de carreira e vim vindo e terminei em 87. Então me aposentei.

K.D. - Foi nessa época que tu trabalhaste como treinadora da equipe universitária?

D.C. - Não fui nunca de equipe universitária!

K.D. - Só da seleção gaúcha?

D.C. - Seleção gaúcha estudantil e seleção gaúcha juvenil, até adulta. Nós nos fomos disputar um torneio em um mundial, aqui em Rivera, em Montevideu¹⁵ e quem representou o Rio Grande do Sul foi a equipe gaúcha juvenil. Era um campeonato mundial aberto. Nós fomos lá, mas era uma coisa maravilhosa em Rivera. As coreanas eram uma *coisa* sensacional... Tu olhas aquilo... Eu acho que eles continuam iguais: aquela filosofia deles... Se uma estivesse desse jeito, todas estariam iguais. Tu ias ver um treino, era uma coisa interessante: uma tirava o casaco, todas tiravam o casaco; era sempre assim, tudo igual. Uma *disciplina sensacional*. Aquilo ali foi muito bacana para a gente: o tratamento foi ótimo, só que a gente não tinha chance. Nós ganhamos do Uruguai, que eram os dois daqui - os dois mais fracos - e todos vieram de lá: era Rússia, era Coréia - sei eu - os Estados Unidos. Tinha uma porção de equipes e eram bem melhores que a gente. A gente não tinha nem se desenvolvido ainda para chegar naquilo lá; não tinha nem visto, estava bem longe daquilo. Hoje em dia tudo é muito diferente, tanto que hoje o Brasil é o melhor no masculino. E no feminino deixou de ser por problemas internos, porque senão teria ganho também.

¹⁴ Tânia Maria Sirângelo

¹⁵ Cidades Uruguaias

K.D. - O que é que tu achas muito diferente do treinamento daquela época para hoje?

D.C. - Aquela época a gente não tinha... A diferença principal: nós éramos amadores e eles são profissionais. Daí chega: eles passam o dia com aquela bola na mão, fazendo trabalho para progredir e a gente não. A gente tinha o horário que ia lá, fazia o treinamento *mil* vezes menor do que é feito hoje. Era *muita* diferença; a gente fazia pelo amor, porque não ganhava nada e *gostava*. E até hoje gosta. A diferença é essa: é do profissional para o amador. A gente não tinha nada - e depois não tinha assim - uma televisão onde tu estás vendo um jogo lá do outro lado. Tu estás... Completamente diferente. Hoje o Brasil - aquele masculino - é uma coisa de louco. Dizem que, agora, eles vão rever os outros... Rever o conceito de altura dentro do voleibol porque já viram que não adianta ter dois metros e dez, porque o Brasil ganha com os caras de um metro e noventa e dois. Mas é que o Brasil é criativo; os caras são muito bem trabalhados e acabam ganhando deles. Claro que os jogos são todos aqui: pode perder, pode ganhar, mas tem toda a chance de ganhar e eles são ótimos. E o feminino também era, mas o feminino deu um problema de saírem - não sei se vocês acompanharam - algumas delas desistiram de ir ao mundial e aí foi uma equipe um pouco inferior.

K.D. - A questão dos times femininos, uma diferença que a gente percebe muito grande e, olhando as fotos dos times da década de 40, 50, 60, é uma diferença estética do corpo dos atletas e do corpo das atletas de hoje.

D.C. - Bom, uma coisa que hoje é fundamental - que até estou dizendo que agora os outros estão revendo - é o conceito e altura. E elas são bem trabalhadas. A gente jogava aquilo, então cada uma... Uma era gorda, outra era... E todo mundo jogava: eu era baixinha e jogava; joguei na seleção, imagina, se hoje... Nem para juntar a bola, eu acho.

K.D. - Que altura tu tens?

D.C. - Um metro e sessenta e quatro e meio eu tinha; hoje eu já não sei. [risos] Mas não é altura para jogadora; hoje elas tem um metro e oitenta e tantos. Teve um dia, uns anos

atrás, quando o Betão¹⁶ que se formou aqui – esse menino que tem um jornal até -; ele era treinador da SOGIPA, foi treinador da seleção brasileira e nessa época uma equipe brasileira veio na SOGIPA treinar. Meu Deus do céu! Elas já eram grandes, umas mulheronas de mais de um metro e noventa. Hoje elas são mais até, tudo é nessa faixa. É difícil ter alguém baixinho, como o Maurício¹⁷, por exemplo. Ele tem um metro e oitenta e quatro, mas ele joga ainda; o outro levantador já é maior, já tem um metro e noventa e um e é canhoto, leva mais outra vantagem. Agora o Maurício é um fenômeno: um metro e oitenta e quatro e jogar na equipe campeã do mundo e ser o melhor levantador! Então, são coisas assim... O físico, porque elas são bem mais trabalhadas do que a gente era; então a mudança está aqui: elas são atletas.

K.D. - A questão de ser atleta profissional e que vocês não tinham condições de ser?

D.C. - Nem pensar. Essa é a mudança, é a diferença que tu notas no físico das atletas.

K.D. - Porto Alegre, naquele período que vocês começaram a jogar, teve várias competições femininas. Como tu vê este período, o desenvolvimento do esporte feminino em Porto Alegre?

D.C. - Porto Alegre sempre teve campeonato, mas era assim, quatro equipes no máximo. Tinha muita atividade, isso em 1950; teve até um brasileiro, parece que foi em 47; teve um brasileiro no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e foi no Colégio Batista Americano - aquele que tem ali na Cristóvão Colombo¹⁸ - que tem um ginásio nos fundos. Foi ali um campeonato sul americano e até um campeonato brasileiro, mas aí eu nem acompanhava vôlei ainda; foi logo depois que eu entrei, em 50, que eu comecei.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

D.C. - O esporte veio se desenvolvendo mesmo com a televisão, aí começam as transmissões e coisa e foi indo, mas era bem mais precário. Meu Deus do céu! Poucas equipes trabalhavam.

¹⁶ Carlos Alberto Pilenghi da Costa. Atualmente edita o Jornal 100% Esporte.

¹⁷ Maurício Camargo Lima

K.D. - E a questão da Universíade, em 1963. Eu gostaria que tu nos falasses um pouquinho da convocação que tiveste para a Universíade. Eu não encontrei...

D.C. - Nada sobre isso!

K.D. - Sobre a convocação não?

D.C. - Bom, como o Rio Grande do Sul, geralmente, era campeão nessa época: brasileiro ou sempre era um dos melhores, ele convocou cinco atletas. Ele convocou parece que três ou quatro de São Paulo, duas de Minas, uma do Rio; eu sei que eram treze, catorze atletas treinando - uma de Brasília. Eu não ia porque eu tinha prometido para o meu noivo, na época, que eu tinha largado: “Não vou mais”... E aí aconteceu um problema e eu fui no aeroporto para me despedir das gurias. Cheguei lá eu disse: “Mas como é que eu não vou em uma coisa dessas! Aí eu cheguei no aeroporto e pedi para o presidente - dever ter ouvido falar nele - o Ferrugem¹⁹, presidente da FUGE²⁰ na época. Eu disse assim: “olha aqui, arruma a minha passagem que amanhã eu estou indo”. E me fui para lá sem pensar em mais nada. Eu sei que acabou meu noivo indo lá me visitar, voltou... Mas a gente - nós cinco - ficamos treinando por lá bastante tempo. Inclusive naquela época tinha perdido meu irmão, em 63; a gente já foi, a minha mãe sempre mal, e aí telefonaram de madrugada para nós, mandaram chamar no quarto. [suspiro] Foi aquele suspense terrível; eu descí para atender e era para mim; eu descí para atender e ficaram as outras todas quietinhas... Se minha mãe tinha morrido ou não. E não era nada disso: era meu noivo que ia para lá ou tinha ido para lá, sei eu! Quer dizer que não foi isso, ela estava mal nem foi ali. Então a gente foi, treinou, foi uma coisa assim: que tu juntas e faz um trabalho de um mês mais ou menos, treinando. Uma coisa boa porque se conheceu as pessoas, se treinou bastante, se jogou jogos amistosos lá. Foi muito bacana e a gente veio para cá e acabou jogando - como eu já te disse - com equipes do Chile, do Peru, não sei se era a Argentina e nós e aí a gente conseguiu ganhar. Que mais que tu queres que eu te diga disto?

K.D. - Onde vocês treinaram?

¹⁸ Rua de Porto Alegre

¹⁹ Henrique Halpern

D.C. - Nós treinamos na ACM²¹, em São Paulo, e ficamos no alojamento da Água Branca, no bairro da Água Branca, em São Paulo. Era uma coisa nova que tinha sido criada lá: um edifício com alojamentos e *muito* bacana. Tinha também quadra de voleibol, tinha piscina aquecida mais isso aí a gente não usava - as dependências -; a gente ia para o clube que o senhor, que era o treinador, conseguiu ou alguém da Confederação Brasileira Universitária deve ter conseguido. A gente ia treinar: a maioria era na ACM e, às vezes a gente ia no Paulistano²² e fazia jogos lá.

K.D. - Qual era a expectativa de vocês para a Universidade?

D.C. - A gente não sabia quem viria. A gente sempre vai tentando ganhar; pensando em ganhar. Mas o problema é que, se viessem as equipes de lá do outro lado do mundo, dificilmente a gente teria ganho. Mas como eram equipes sul americanas e o Brasil ainda era destaque, então, a gente conseguiu ganhar. A gente sempre vai para uma coisas dessas e... Maravilhoso! O desfile foi maravilhoso no Estádio Olímpico²³; foi muito bacana: fogos, que a gente aquela época não tinha quase - esses, fogos de artifício - que eles fizeram, muito bonito. Foi uma competição maravilhosa essa aqui; teve gente aos montes trabalhando e foi muito boa, bem feita até. Não sei se vocês conhecem os prédios deles, aqueles: Oceania, África...

[FINAL DA FITA 06/1-A]

K.D. - Continuando agora...

D.C. - Parei nos...

K.D. - Estávamos falando dos prédios onde...

²⁰ Federação Universitária Gaúcha de Esportes, fundada em 09 de novembro de 1939.

²¹ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

²² Club Athletico Paulistano, fundado em 1900.

²³ Estádio do Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense

D.C. - Os prédios onde as equipes que vieram disputar a Universiade ficaram alojadas. São edifícios que tem ali, no Partenon²⁴, logo depois da saída... Eles tem os nomes dos continentes: Ásia, África, América, Oceania...

K.D. - Vocês ficaram alojados ali?

D.C. - Nós não, o Brasil não! O Brasil ficou em um edifício novo - que hoje eu acho que é um hotel, na rua Fernando Machado²⁵, ali enfrente ao Capitólio, onde era o cinema Capitólio; ali embaixo na Borges²⁶, lá na ruazinha que tem ali em frente; um pouquinho mais para lá, não é na esquina; é um pouco para dentro. Acho que é um hotel hoje, é onde nós ficamos com toda delegação brasileira, inclusive quando a gente queria ver o basquete... Tu tens ali uma foto do voleibol... Mas o basquete brasileiro era muito bom na época e estava disputando, acho que a final, e a gente quis ir. Então nós chegamos em casa do jogo, fomos tomar banho para ir, aí, nós olhamos na televisão; não pudemos ir porque não tinha mais um espaço para se colocar. Já tinham fechados os portões porque ninguém mais ia entrar, então não se foi. Foi ali no ginásio da Brigada que foi construído e eles fizeram... Foi muito bacana.

K.D. - E a televisão acompanhou?

D.C. - A televisão acompanhou. Tanto que eu estou te falando que a gente viu na televisão. Não sei se tudo, não é, mas muitas coisas. E como o basquete, na época, era um esporte - aliás o basquete é um esporte bacana - que atrai, que agrada, eles passavam basquetebol. Não me pergunta outras coisas. Atletismo acho que eles passavam também; voleibol também, mas eu não lembro disso aí. Foi muito bem organizado. Foi no Grêmio²⁷, no Estádio Olímpico... Eles fizeram atletismo. Eu lembro de uma menina - acho que ela era de Alagoas - ela correu de rolinho na cabeça, de “bobs” na cabeça. [risos] Só brasileira mesmo: “bobs” e um laço na cabeça - imagina só! As mulheres tiram todos os cabelos, tudo para correr e ela foi correr um mundial de “bobs” na cabeça. Isto é uma das umas

²⁴ Bairro da cidade de Porto Alegre

²⁵ Rua do Centro de Porto Alegre

²⁶ Rua do Centro de Porto Alegre

²⁷ Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.

coisas engraçadas. Essa aqui é um fato interessante: essa menina, aqui, a Marilu²⁸, da nossa equipe... Tudo tranquilo, ninguém sabia de nada nem coisa nenhuma. Um dia sumiu o camarada: o cubano que foi namorado dela²⁹; estava tudo planejadinho, certinho e ninguém sabia de nada. Não vazou, se vaza aí pode não acontecer; não vazou foi muito bem feito esse golpe; inclusive o Dr. De Rose³⁰ era um dos que ajudava a fazer isso.

K.D. - Tinha uma atmosfera política bastante difícil durante a Universidade, inclusive os Estados Unidos não vieram, não é?

D.C. - Não me pergunta porque isso aí eu nem lembrava.

K.D. - Alegaram falta de verba e início do calendário do ano letivo, que eles não poderiam vir.

D.C. - Tu não me pergunta porque eu não me lembro mesmo. Isso aí eu não me lembro. Agora Cuba, sabe como é, quando eles podem desertar eles vão embora e a equipe de voleibol cubana caiu um monte porque a maioria deles ficou, foi para um campeonato na Europa e ficou lá. Eles não voltam, eles fogem e se não pegam eles aí é pior. É, deve ser um regime muito bom [risos]. Eles vivem só para aquilo: agora tem uma atleta - eu acho que é cubana - que está voltando. Não sei se é cubana - hoje está no jornal até - do atletismo, está voltando. Não sei se ela é cubana ou americana.

K.D. - Como é que estava o clima, em Porto Alegre, naqueles dez dias de competição? A cidade como é que estava, assim, de expectativa?

D.C. - Todo povo interessado porque tu sabes como é, uma cidade que não é a *maior* cidade, mas ela é uma cidade boa, *grande* e o povo sempre colaborando. Foi muito vibrante. Foi uma coisa *muito* bacana mesmo.

²⁸ Maria Lúcia Caldeira

²⁹ Roberto Perez Ondarse, da equipe de basquetebol

³⁰ Eduardo Henrique De Rose

K.D. - Se tinha uma expectativa, um medo até, de que a Universidade não conseguisse ter os preparativos todos realizados, porque até a véspera não tinha o ginásio e ninguém falava nada. E como era para vocês, atletas?

D.C. - A gente não estava nesta parte, nós não tomávamos conhecimento. Nós, inclusive, chegamos de São Paulo, acho, que um ou dois dias antes de começar; então, essa parte aí não era conosco, a gente não sabia desses pormenores, das dificuldades; mas que haveria dificuldades a gente podia saber, porque era uma cidade que, em 1963, ainda era bem menor e, para comportar gente que praticava esporte... *Muito bem*, os melhores do mundo, aqui, não era uma coisa fácil. Agora foi maravilhoso; na UFRGS³¹ ali no centro, eles fizeram um restaurante, eles tinham comida para todos os tipos, todas as delegações; cada um tinha o que quisesse comer. Quer dizer, dentro do que come em casa porque é muito ruim fazer mudanças e tal. Então eles tinham... Era maravilhoso! Isso aí eu até nem participei; a gente parece que foi só uma vez em um restaurante desses porque a gente tinha no hotel lá, no nosso alojamento. Não me lembro como a gente fazia: saía dali, mas não comia nesses refeitórios; esses eram para os estrangeiros mesmo. Mas muito bem feito, tudo maravilhoso. Então, esse problema da organização, da dificuldade que tinha, isso a gente não viveu porque a gente estava como atleta. Então eu não sei.

K.D. - Dentro dos objetivos de uma Universidade está o incentivo ao esporte e a integração entre...

D.C. - Os povos até.

K.D.- E entre os acadêmicos. Como é que se dava isso dentro de um clima de competição?

D.C. - Tu sabes que a gente - como ficou meio isolado - a gente, o Brasil, a delegação brasileira era uma coisa muito bacana, todo mundo se dava e coisa e tal. Agora com os demais a gente não teve muito contato e, depois tem mais uma dificuldade: se a gente não sabe falar a língua que eles falam, fica mais difícil. E poucos ali, acho, que sabiam falar outra língua. Eu não sabia, estou tentando o inglês agora. A integração nas quadras e coisa, isso sempre houve; foi tudo maravilhoso, agora a gente ficou fora, isolado, ficamos

separado deles. Eles ficaram todos naquela zona lá e a gente ficou no centro. A gente se dava entre nós, agora, com os demais... Apesar de que o voleibol não era problema, porque o voleibol era espanhol e a gente se comunicava. Mas é uma confraternização muito bacana, todas essas competições assim, são uma coisa maravilhosa mesmo, para troca de idéias. Muito bom.

K.D. - Como é que era a FUGE na época? A Federação Universitária Gaúcha de Esportes³²?

D.C. - Hoje em dia até nem sei nada disso porque eu não vivo mais isso. E eles trabalham muito bem, eles tinham sempre... Esse senhor que eu citei - o Ferrugem, que até já faleceu - eles trabalham muito bem neste ponto. Sempre que a gente tinha um campeonato brasileiro universitário, tudo organizado, a gente ia para lá sem problema; eles eram muito bons em organização. Acredito que eles fossem até formados... Muito bom! Hoje eu não sei; mas há os campeonatos brasileiros ainda, eu sei que existem. Eu conheço uma menina que joga basquete sempre, ela vai viajar, vai jogar os jogos brasileiros universitários, sei que tem; vou te dizer francamente: eu não sei como funciona hoje, mas na época era muito bom. E a direção trabalhava muito mesmo. Estou te respondendo?

K.D. - Não, está ótimo.

D.C. - Está te adiantando?

K.D. - Está ótimo. Bom, as minhas perguntas eram estas. Tu tens tem mais alguma coisa para nos falar?

D.C. - Eu até tenho, tenho histórias que não tem nada a ver. Mas eu só quero agradecer. Não sei se acrescentei alguma coisa ou não, mas eu gostaria de agradecer a vocês, o convite e se algum dia vocês quiserem conversar de novo, alguma outra coisa, quiserem perguntar... Se tu me encontrares em casa [riso] e quiseres fazer alguma pergunta estou à disposição de vocês. Qualquer coisa estou por aí, só que eu nunca estou em casa mesmo. O

³¹ Sigla da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³² Fundada em 09 de novembro de 1939.

meu marido disse assim: “tu ligas para essa menina porque ela acha que eu estou mentindo [riso]; pois tu nunca estás em casa”. Geralmente eu estou em casa da meia hora a uma e meia; é a hora que eu chego do vôlei e depois estou saindo de novo.

K.D. - Estão treinando?

D.C. - Começa às sete e meia da manhã treinando tênis; aí às nove termina o tênis e, às dez, começa o vôlei e vai até o meio dia. Vou para casa. Segundas-feiras eu trabalho no Marinha³³ - segundas e quartas das duas às quatro - daí vou para casa correndo e, às seis horas, tenho vôlei de novo. E assim eu passo a segunda-feira; na terça é outra coisa; eu não estou jogando, agora, o “Paddle”; está meio parado porque eu não tenho tido muito tempo, mas senão eu ia; e eu adoro também.

K.D. - E destes todos quais tu estás competindo agora?

D.C. - Este ano eu nem estou participando muito do tênis. Eu estou no vôlei. Resolvi fazer um esforço *maior* pelo vôlei porque o problema é o seguinte: vou fazer sessenta e cinco anos e eu estou jogando na equipe de cinqüenta e se eu não me esforçar, eu caio fora. [risos] Elas tem cinqüenta, eu tenho sessenta e cinco, então, eu estou fazendo mais força nessa aí. Mas está tudo ótimo; ano que vem eu volto ao tênis, pois eu mudo de faixa, de categoria: sessenta e cinco anos é outra faixa, não que as outras de lá não mudem, mas aí eu vou voltar a participar mais com afinco no tênis para entrar no “ranking” que esse ano eu nem estou. E quero viajar mais nos mundiais de tênis, que eu já fui em dois: um nos Estados Unidos e outro na Espanha.

K.D. - Faz tempo?

D.C. – Em 99 foi na Espanha e em 98 foi nos Estados Unidos. Foi *muito* bacana. Nós ficamos em um lugar maravilhoso, era um “resort” e no local das casas, nós alugamos uma casa e ficamos em cinco numa casa. Dezoito quadras de tênis, um campo de golfe, a gente não conheceu o local inteirinho. Tinha o hotel, onde tinham os apartamentos, refeitórios. *Maravilhoso!* Nesse campeonato eu ganhei um jogo até, de uma americana; eu fiquei entre

as trinta do mundo, entre as vinte e oito melhores. Depois perdi, lógico, para a número seis do mundo. Mas também nem tenho chance; é uma coisa que a gente vai, joga e se diverte; faz o melhor possível porque é o que dá. Mas tem brasileira que compete lá e que incomoda. Tinha uma senhora que foi vice campeã. Depois na outra - da Espanha - ela foi campeã de duplas... Tem uma argentina muito boa também, que vai junto com a gente. São muito bacana, são pessoas que jogavam sempre e tem um nível lá em cima. Se elas forem a setenta anos - as outras que tem setenta - estão no nível dela, então, vai indo. É ótimo isso. Maravilhoso, passear com isso, eu gosto muito. Às vezes eu vou com meu marido só passear, aí não é competição. É muito bom também, mas competir é muito bom e eu adoro.

K.D. - O esporte “master” tem se desenvolvido, mas é recente...

D.C. - É mais recente. Mas o basquete se organizou de uma forma que fez agora esse mês, no fim do mês passado... Eles fizeram o brasileiro “master”. Mas eles não fazem como nós fazemos no voleibol; nós fizemos cada categoria separada: os quarenta anos vão à Maceió³⁴, nós, os cinquenta e cinco, vamos para São Paulo; nós já estivemos em Nova Friburgo, jogando o sessenta e o sessenta e cinco há dois meses atrás. Os cinquenta anos - que foi esse que eu joguei no Rio de Janeiro - esse mês passado... Então a gente vai. Mas o basquete não, ele fez tudo em Fortaleza³⁵ - parece que foi. Saiu na televisão essa reportagem, pela Renata Falzoni³⁶ - pode ser - é o nome de uma menina que faz reportagem e que anda de “bike” não sei o quê; Elas fazem todas categorias dos trinta até os setenta para o homem; e para as mulheres tinha trinta e quarenta. Tudo junto - até vou te dizer - eu acho uma coisa bacana, mas, às vezes, por falta de estrutura não se consegue fazer. E tem que usar tudo que é ginásio da cidade, naquela época ali três, quatro dias, tem que usar senão não tem como fazer. O voleibol no Rio de Janeiro é uma dificuldade porque eles - os clubes - não emprestam, não ajudam. Então nós jogamos em um quartel, esse de cinquenta anos. Há três semanas atrás: em um quartel que nos emprestaram é só podia ser à tarde; então, a gente perdia o dia inteiro - quando é de manhã, a gente joga e está livre naquele dia - depois só vai dormir para descansar para o outro dia. Mas a gente jogava

³³ Parque Marinha do Brasil.

³⁴ Cidade Brasileira

³⁵ Cidade Brasileira

³⁶ Nome sujeito a confirmação

sempre às cinco da tarde, bem na hora da minha novela. Era às seis horas: Coração de Estudante. [risos]

K.D. - O Rio Grande do Sul tem incentivo ao esporte “master”?

D.C. - Nenhum. Inclusive temos feitos pedidos. Já estivemos na “Internet”, no Terra. Fizemos uma reportagem toda - vê se a gente conseguiu alguma coisa? Eu tive, uma vez, um apoio da Olympikus³⁷ mas eu acredito que fosse por amizade; o menino trabalhava lá que conseguiu as coisas, ele é meu amigo e jogador de vôlei, então, ele conseguia tênis, uniforme. Depois que ele saiu - fazem dois anos - a Olympikus fechou as portas e não ajuda: mudou, não sei, se a política. É difícilíssimo: eu estive falando quarenta e cinco minutos no programa do Clóvis³⁸, um dia no ano passado quando nós chegamos da Finlândia. Não adianta nada. Estivemos no Vaz³⁹... Ninguém. Está difícil. Acho que não é para a gente que está difícil; para todo mundo, então, se houvesse possibilidade eu acredito até que auxiliariam. Mas está difícil, não arrumamos nada. A gente que paga tudo. [silêncio] Então, mais uma vez eu te agradeço.

K.D. - Quem tem que agradecer somos nós.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³⁷ Empresa gaúcha que produz materiais esportivos.

³⁸ Referência ao Programa “Câmara Dois”, cujo âncora é Clóvis Duarte. O programa é diário e é veiculado pela TV Guaíba.

³⁹ Referência ao Programa Encontro com o Esporte, conduzido por João Bosco Vaz